

## Particípios resultativos\*

*Inês Duarte*<sup>=</sup> & *Fátima Oliveira*<sup>+</sup>

<sup>=</sup>Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa<sup>1</sup>

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

<sup>+</sup>Faculdade de Letras da Universidade do Porto<sup>2</sup>

Centro de Linguística da Universidade do Porto

### Abstract

In this paper we argue in favour of a tripartite typology of participles based on Portuguese data. In this language, some verbs have two participle forms and there are ‘specialized’ verbs for different types of participles: *ser* (passive auxiliary) for eventive participles, *ficar* for resultative participles and *estar* for stative ones. We also argue that, contrary to what is generally assumed in the literature, Portuguese, a Romance language, exhibits resultative constructions with full and light verbs, although in more restrictive contexts than in English. The interweaving of the typology of participles, aspect and tense is also inspected, and a proposal for the syntactic representation of eventive, resultative and stative participles is put forth, exploring suggestions by Embick (2004).

**Keywords:** participles, resultatives, aspect, syntax.

**Palavras-chave:** participípios, resultativos, aspecto, sintaxe.

### Introdução

Textos recentes têm questionado a validade da distinção clássica entre passivas verbais e passivas adjetivais, considerando que ela não permite captar as propriedades dos participípios que ocorrem nestas e em outras construções. É nosso objectivo avaliar a aplicabilidade ao português da tipologia tripartida de participípios proposta em Embick

---

\* Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto PREPLEXOS, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/LIN/68241/2006).

<sup>1</sup> O Centro de Linguística da Universidade de Lisboa é uma unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

<sup>2</sup> O Centro de Linguística da Universidade do Porto é uma Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Programa FEDER/POCTI – U0022/2003).

(2004), já que a existência nesta língua de participípios duplos e da distinção entre *ser* e *estar* pode fornecer critérios de diagnóstico adicionais aos propostos para o inglês.

Na secção 1., apontaremos os critérios propostos em Embick (2004) para a classificação dos participípios em eventivos, resultativos e estativos e mostraremos como Alexiadou & Agnastopoulou (2008) aplicaram esta tipologia aos participípios gregos em *-menos* e em *-tos*. Na secção 2., procederemos à avaliação da referida tipologia no português. Na secção 3 discutiremos a relevância do aspecto quanto à articulação da referida tipologia com os verbos *ser/estar*. Por fim apresentar-se-ão, na secção 4, algumas construções resultativas com verbos plenos e verbos leves.

### 1. A tipologia de Embick (2004) e a sua aplicação ao grego moderno

Embick (2004) argumenta contra a tipologia clássica, que apenas distingue dois tipos de participípios, os que ocorrem nas passivas verbais e os que ocorrem nas passivas adjectivais<sup>3</sup>. O autor propõe uma tipologia tripartida, em que distingue participípios eventivos (os que ocorrem nas passivas verbais), participípios resultativos e participípios estativos, que a tipologia clássica incluía na classe das passivas adjectivais. A motivação empírica para a distinção entre participípios resultativos e estativos é o seu comportamento em quatro tipos de contextos.

O primeiro destes contextos consiste na co-ocorrência com advérbios orientados para o sujeito. Como Kratzer (1994) já notara, os participípios resultativos admitem advérbios orientados para o sujeito, enquanto os participípios estativos não admitem; os exemplos (1) ilustram este contraste:

- (1) Exemplo (3) de Embick (2004)
- a. The package remained carefully opened.
  - b. \*The package remained carefully open.
- (Interpretação relevante: foi cuidadoso *p*)

O segundo contexto é o da ocorrência com predicados secundários de verbos factitivos, i.e., de verbos que seleccionam como argumento interno um tema resultante.<sup>4</sup> Enquanto os participípios estativos são possíveis nestes contextos, os resultativos não são, como se pode ver em (2):

- (2) Exemplo (6) de Embick (2004)
- a. This door was built open.
  - b. \*This door was built opened.

<sup>3</sup> Sobre a caracterização das passivas adjectivais, ver Borer (1984) e Levin & Rappaport (1986).

<sup>4</sup> Um “effected theme”, na terminologia de Jaeggli (1986).

O terceiro contexto referido por Embick (2004), já anteriormente notado por Green (1972) e por Carrier & Randall (1992), é a construção resultativa; os participios estativos podem ocorrer como predicado secundário nesta construção, enquanto os resultativos não podem, tal como exemplificado em (3):

(3) Exemplo (13) de Embick (2004)

- a. John kicked the door open/\*opened.
- b. Mary pounded the apple flat/\*flattened.
- c. Bill drank the glass empty/\*emptied.
- d. The heat turned the meat rotten/\*rotted.

Finalmente, o quarto contexto que distingue participios estativos de resultativos consiste na prefixação com *un-*; os participios resultativos admitem-na livremente, contrariamente aos estativos, como se pode observar em (4):

(4) Exemplo (14) de Embick (2004)

part. estativos	part. resultativos
*un-rott-en	unrott-ed
*un-bless-ed	un-bless-ed
*un-shrunk-en	un-shrunk

Alexiadou & Anagnostopoulou (2008) aplicaram ao grego moderno a tipologia de Embick (2004). Esta língua dispõe de dois tipos de participios, os participios em *-menos* e os participios em *-tos*, que a tradição gramatical grega considera serem estativos, terem o mesmo significado e o mesmo estatuto categorial; vejamos os exemplos em (5):

(5) Exemplo (1) de Alexiadou & Anagnostopoulou (2008)

a. vraz-o	vras-men-os	vras-t-os	‘cozido’
b. psin-o	psi-men-os	psi-t-os	‘grelado’
c. zograf-	zografis-men-os	zografis-t-os	‘pintado’
d. anig-o	anig-men-os	anix-t-os	‘aberto’

Aplicando a tipologia de Embick (2004), Alexiadou & Anagnostopoulou (2008) mostram que os participios em *-menos* podem ser eventivos e resultativos, enquanto os participios em *-tos* são sempre estativos. Na sua caracterização, apresentada em (6), as autoras utilizam também a distinção, proposta em Parsons (1990) e retomada em Kratzer (2000)<sup>5</sup>, entre participios *target state* e *resultant state*:

<sup>5</sup> De acordo com Kratzer (2000), os participios *target state* descrevem estados que são tipicamente reversíveis, enquanto os participios *resultant state* descrevem estados que, depois do evento que lhes deu origem, são permanentes. (i) e (ii) exemplificam, respectivamente, participios *target state* e *resultant state*:

- (6) a. Particípios em *-menos* eventivos são *resultant state*, agentivos;  
 b. Particípios em *-menos* resultativos são *target state*, não agentivos;  
 c. Particípios em *-tos* são estativos (não implicando qualquer evento anterior) e não agentivos.

Estas autoras apresentam os seguintes critérios de diagnóstico para cada um dos tipos de particípios:

- (7) a. Particípios eventivos em *-menos*: aceitam *by-phrases*, controlam o sujeito nulo de orações finais, admitem PPs instrumentais e AdvS orientados para o sujeito; não podem ocorrer como complementos de Vs de mudança de estado e não aceitam o prefixo de negação *a-*;  
 b. Particípios resultativos em *-menos*: não aceitam *by-phrases*, não podem controlar o sujeito nulo de orações finais, não admitem PPs instrumentais nem AdvS orientados para o sujeito; não podem ocorrer como complementos de Vs de mudança de estado; não aceitam o prefixo de negação *a-*;  
 c. Particípios em *-tos*: não aceitam *by-phrases*, não podem controlar o sujeito nulo de orações finais, não admitem PPs instrumentais nem AdvS orientados para o sujeito; podem ocorrer como complementos de Vs de mudança de estado; aceitam o prefixo de negação *a-*.

Em síntese: Embick (2004) apresenta argumentos, baseados no inglês, a favor de uma tipologia tripartida de particípios. Alexiadou & Anagnostopoulou (2008) mostram que esta tipologia é válida para o grego moderno, uma língua que marca morfologicamente a diferença entre particípios eventivos e resultativos, por um lado, e particípios estativos, por outro.

## 2. Avaliação da tipologia de Embick (2004) para o português

O objectivo desta secção é avaliar se a tipologia de Embick (2004) e os critérios de diagnóstico propostos por Alexiadou & Anagnostopoulou (2008) para a identificação de particípios eventivos, resultativos e estativos no grego moderno são válidos para o português.

Considerem-se os exemplos (8), em que ocorre uma passiva verbal, uma frase copulativa com *ficar* e uma frase copulativa com *estar*, e que ilustram, respectivamente, particípios eventivos, resultativos e estativos:

- 
- (i) O cachorrinho está escondido atrás da árvore.  
 (ii) A saia está lavada.

- (8) a. O exemplo foi corrigido por um falante nativo.  
 b. O exemplo ficou corrigido (depois de ter sido revisto).  
 c. O exemplo está correcto.<sup>6</sup>

Como proposto para o inglês e para o grego, os participípios eventivos distinguem-se dos resultativos pela presença, nos primeiros, e pela ausência, nos últimos, da componente agentiva. Assim, os participípios eventivos admitem agente da passiva, advérbios orientados para o agente e PPs instrumentais e podem controlar o sujeito nulo de orações finais, contrariamente aos participípios resultativos, como o contraste entre (9) e (10) mostra:

- (9) a. O exemplo foi corrigido por um falante nativo.  
 b. O exemplo foi corrigido propositadamente (pelo autor).  
 c. O exemplo foi corrigido com tinta azul.  
 d. O exemplo foi corrigido por [um falante nativo]<sub>i</sub> para [-]<sub>i</sub> mostrar a pronúncia correcta.
- (10) a. \*O exemplo ficou corrigido por um falante nativo.  
 b. \*O exemplo ficou corrigido propositadamente (pelo autor).  
 c. ?O exemplo ficou corrigido com tinta azul.  
 d. \*O exemplo ficou corrigido para mostrar a pronúncia correcta.<sup>7</sup>

Por seu lado, os participípios estativos distinguem-se dos eventivos e dos resultativos pela ausência de componente eventiva. Assim, enquanto os participípios estativos podem ocorrer como complemento de (alguns) verbos de mudança de estado e como predicados secundários em construções resultativas (cf. (11)), os participípios eventivos e resultativos não podem (cf. (12)).

- (11) a. Construiu-se o bunker oculto.  
 b. O pai pôs-se descalço na relva.
- (12) a. \*Construiu-se o bunker ocultado.  
 b. \*O pai pôs-se descalçado na relva.

Repare-se que nos paradigmas (8), (9)-(10) e (11)-(12) ocorrem participípios duplos. Como o contraste entre (11)-(12) mostra, em verbos com participípios duplos, apenas a forma irregular se qualifica como participípio estativo.

<sup>6</sup> Compare-se (8c) com (i), uma frase em que ocorre um participípios resultativo:

(i) O exemplo (já) está corrigido.

<sup>7</sup> Agramatical na aceção relevante, i.e., em que o sujeito nulo da oração final é controlado por um agente implícito da frase-matriz. Veja-se o contraste entre (10d) e (i), com um sujeito de referência arbitrária na oração final:

(i) O exemplo ficou corrigido para se mostrar a pronúncia correcta.

No que respeita à possibilidade de combinação com o prefixo de negação *i(n/m)-*, o português apresenta um comportamento semelhante ao do grego moderno e inverso ao do inglês, já que em inglês a prefixação com *un-* é produtiva com participios resultativos e esporádica com adjectivos (cf. Embick, 2004), enquanto em português ela apenas é produtiva com participios estativos, como se mostra em (13):

(13) part. estativo	part. resultativo	part. estativo	part. resultativo
inato	*inascido	indissoluto	*indissolvido
incompleto	*incompletado	indistinto	*indistinguido
incorrecto	*incorrigido	ingrato	*inagradecido
inculto	*incultivado	impoluto	*impoluído

Em síntese: a tipologia de participios de Embick (2004) desenvolvida em Alexiadou & Anagnostopoulou (2008) revela-se adequada ao português, e permite distinguir participios eventivos, resultativos e estativos através da presença da componente agentiva, nos primeiros, exclusivamente da componente eventiva, nos segundos, e de nenhuma delas, nos terceiros.

### 3. Tipologia de participios, distinção *ser/estar* e relevância do aspecto

O facto de o português dispor da distinção *ser/estar* e de possuir um verbo copulativo usado tipicamente em construções resultativas (*ficar*) interage de formas interessantes com a tipologia de participios a favor da qual argumentámos na secção anterior. Permite igualmente tornar mais evidente a relação entre tipos de participios e tipos aspectuais de predicacões.

Assim, os participios estativos de predicados *stage-level* apenas são compatíveis com *estar*, enquanto os participios estativos de predicados *individual-level* ocorrem exclusivamente com *ser*, como se mostra em (14)-(15):

- (14) a. O poste está caído.  
 b. \*O poste é caído.
- (15) a. A Maria é amada.  
 b. \*A Maria está amada.

Os participios resultativos constroem-se tipicamente com *ficar*, verbo que marca o fim de um evento e o início de um estado resultativo (cf. (16)); mas podem igualmente construir-se com *estar*, como se mostra em (17):

- (16) a. O poste ficou caído.  
 b. As pontes ficaram destruídas.

- (17) a. O poste está caído desde o temporal de há um mês.  
 b. As pontes já estavam destruídas quando os Aliados chegaram a Colónia.

Quanto à interacção com o aspecto, os participios resultativos constroem-se tipicamente a partir de predicções básicas de tipo tético: culminações e processos culminados, como se ilustra em (18) e (19), em que *partir o espelho* é uma culinação e *destruir a cidade* é um processo culminado:

- (18) a. O espelho ficou partido.  
 b. O espelho já está partido.  
 (19) a. A cidade ficou destruída.  
 b. A cidade já está destruída.

Por outro lado, como os exemplos (20) e (21) mostram, este tipo de participios é incompatível com estados e é raro ocorrer com processos, necessitando neste caso de contextos especiais (cf. Kratzer 2000, Embick 2004, Cunha & Ferreira 2004):

- (20) a. \*A Rita ficou amada. (estado)  
 b. \*A Rita já está amada.  
 (21) a. \*O carro ficou empurrado. (processo)  
 b. \*/?O carro já está empurrado.

Pelo contrário, em construções passivas eventivas, a natureza aspectual do participio é irrelevante, como se pode verificar em (22), em que ocorrem participios eventivos pertencentes a diferentes classes aspectuais básicas:

- (22) a. Bagdad foi destruída pelos bombardeamentos americanos. (proc. culminado)  
 b. A janela foi aberta para arejar o quarto. (culinação)  
 c. O carro foi conduzido por um piloto experiente. (processo)  
 d. A sobremesa foi apreciada por todos. (estado)

Em frases copulativas, com verbos não estativos que têm participios duplos, o verbo copulativo *ser* apenas se pode combinar com as formas irregulares, recategorizadas como adjetivos, e que correspondem a participios estativos, como se mostra em (23):

- (23) a. O teste é correcto.  
 b. \*O teste é corrigido.  
 c. O teste está corrigido.  
 d. O teste fica corrigido hoje à noite.

Em síntese: a existência no português de participípios duplos e da distinção *ser/estar* fornece evidências adicionais à tipologia tripartida de participípios e à relevância das classes aspectuais básicas de predicacões no comportamento dos três tipos de participípios.

#### 4. Construções resultativas com verbos plenos e com verbos leves

É em geral assumido na literatura (cf. Levin & Rappaport Hovav 1995, Folli & Ramchand 2005, e.o.) que as línguas românicas não dispõem da construção resultativa ilustrada em (24), muito produtiva em inglês:

- (24) a. John hammered the metal flat.  
b. Peter kicked the door open.

Contudo, tal construção é possível em português desde que o verbo pleno pertença à classe dos verbos factitivos. Em (25) e (26) apresentam-se exemplos de frases activas e passivas em que ocorre esta construção:

- (25) a. O arquitecto construiu a cisterna oculta.  
b. A estilista desenhou o modelo esburacado.  
c. O pintor pintou a paisagem esfumada.  
(26) a. A cisterna foi construída oculta pelo arquitecto.  
b. O modelo foi desenhado esburacado pela estilista.  
c. A paisagem foi pintada esfumada pelo pintor.

Tal como acontece em inglês, esta construção obedece à Restrição do Objecto Directo (cf. Levin & Rappaport Hovav 1995), i.e., mais precisamente, apenas pode ocorrer com verbos que seleccionem um argumento interno directo. Assim, ela é possível com verbos inacusativos como os que se exemplificam em (27), na interpretação que a estrutura clivada em (28) torna clara:

- (27) a. O tomateiro cresceu inclinado.  
b. A vítima caiu estatelada.  
(28) a. Foi inclinado que o tomateiro cresceu.  
b. Foi estatelada que a vítima caiu.

No entanto, contrariamente ao que acontece em inglês (cf. (29)), em português esta construção não é possível com verbos inergativos, quer nela ocorram *fake reflexives* (cf. (30a)), quer outros tipos de falsos objectos directos (cf. (30b)):

- (29) a. Dora shouted herself hoarse. (Levin & Rappaport 1995: 35)  
b. You may sleep it (= the unborn baby) quiet again. (id: 36)



- (30) a. \*A Maria tossiu-se exausta.  
 b. \*A Maria nadou 100 metros difíceis.<sup>8</sup>

Em português, esta construção é mais produtiva com predicados complexos encabeçados pelos verbos leves *fazer*, *pôr* e *tornar* do que com verbos plenos:

- (31) a. O aluno fez a pintura esborratada.  
 b. O cozinheiro fez o guisado queimado.  
 (32) a. O esforço pôs o João cansado.  
 b. O calor pôs o asfalto derretido.  
 (33) a. O sucesso empresarial tornou esse economista apreciado.  
 b. A nova situação tornou a proposta deslocada.

Na construção resultativa, a interpretação do verbo pleno e a do verbo leve que constitui o primeiro membro do predicado complexo é a de **meio** através do qual a entidade relevante, designada pelo argumento interno directo, entra no estado denotado pelo predicado secundário (cf. Levin & Rappaport Hovav 1995, Embick 2004). De facto, já Carrier & Randall (1992) e Embick (2004) tinham argumentado que, em inglês, a forma participial que ocorre nesta construção é sempre um particípio estativo. O mesmo acontece em português, como mostra o facto de, com verbos com particípios duplos, apenas a forma irregular, que, como vimos, é a estativa, poder ocorrer nesta construção:

- (34) a. O arquitecto construiu o bunker oculto.  
 b. \*O arquitecto construiu o bunker ocultado.

Note-se que o português dispõe igualmente de uma construção resultativa encabeçada pelo verbo leve *ter*, em que o argumento interno directo entra num estado resultante de um evento prévio. Contudo, nesta construção, as formas participiais estativas não são possíveis (cf. (35)) e não existe a interpretação de meio do verbo flexionado que é característica das construções resultativas que descrevemos anteriormente, sendo interessante salientar que a interpretação desta construção se aproxima da interpretação resultativa atribuída ao *Present perfect* do inglês (cf. Parsons, 1990) e do alemão (Kratzer 2000).

---

<sup>8</sup> Agramatical na interpretação relevante, a de que foi por nadar que os 100 metros ficaram difíceis. Um dos avaliadores propõe a frase “A Maria nadou 100 metros lesionada” como alternativa gramatical a esta frase. No entanto, tal não é o caso na medida em que a interpretação da frase não é a relevante, isto é, ficou lesionada por ter nadado, mas sim a de que estava lesionada enquanto nadava.

- (35) a. O João tem os sapatos descalçados/\*descalços.  
 b. O aluno tem os exercícios corrigidos/\*correctos.

Em síntese: as construções resultativas com verbos plenos factitivos e com verbos leves fornecem argumentos a favor da distinção entre participípios resultativos e participípios estativos. Em português, com verbos com participípios duplos, apenas pode ocorrer nestas construções a forma irregular, a do participípio estativo.

## 5. Conclusões

Nas secções precedentes, argumentámos a favor da tipologia tripartida de participípios de Embick (2004) com base nos dados do português. A existência nesta língua de verbos com participípios duplos e da distinção *ser/estar* traz evidências empíricas adicionais a favor da distinção entre participípios eventivos, resultativos e estativos.

Nos verbos com participípios duplos, a especificação das formas irregulares e regulares como eventivas, resultativas ou estativas não é homogénea, dependendo de factores históricos e da frequência dos verbos.

Nos verbos com uma única forma participial, ela é subespecificada quanto à distinção eventivo/resultativo/estativo. Neste caso, são propriedades dos nós funcionais ou dos verbos flexionados que operam esta distinção, através das suas propriedades de selecção. Elaborando sobre a proposta de Embick (2004)<sup>9</sup>, tais propriedades podem representar-se como em (36):

- (36) a. *ser* (auxiliar da passiva): selecciona como complemento uma projecção funcional VoiceP, cujo núcleo selecciona uma projecção funcional AspP com o traço [+Fient];  
 b. *ficar*: selecciona tipicamente como complemento uma projecção funcional AspP com o traço [+Fient];  
 c. *estar*: selecciona tipicamente como complemento uma projecção funcional AspP com o traço [+Stative].

Em (36a), o nó VoiceP dá conta das propriedades de agentividade que caracterizam os participípios eventivos, sendo o nó AspP com o traço [+Fient] responsável pelas propriedades de eventividade que os caracterizam. Em (36b), a presença do nó funcional AspP com o traço [+Fient] capta as propriedades de eventividade dos participípios resul-

<sup>9</sup> Embick (2004) propõe que os participípios estativos são complemento de um nó Asp(ecto) com o traço estativo, os participípios eventivos complemento de uma categoria com o traço Agente, VoiceP, e os resultativos complemento de uma categoria que funciona como um operador do tipo “BECOME”, por ele denominado *Fientive*.

tativos, sendo a sua ausência de agentividade captada pela inexistência na representação sintáctica do nó VoiceP. Em (36c), a ausência de propriedades de agentividade e de eventividade dos participios estativos é representada pela presença de apenas um nó funcional AspP com o traço [+Stative].

Finalmente, a caracterização aspectual dos participios resultativos e estativos está relacionada com a selecção do tempo verbal. Assim, os participios resultativos constroem-se geralmente com o pretérito perfeito, porque o operador resultativo típico *ficar* marca a transição do evento para o estado resultante e este tempo, em português, marca exactamente essa transição pela informação terminativa que veicula. Pelo contrário, os participios estativos ocorrem tipicamente no presente, por não haver nenhuma transição e este tempo não marcar qualquer limite; quando ocorrem no pretérito perfeito, assume-se que o estado está terminado, pelo que funcionam neste caso como os adjectivos em frases copulativas. A diferença entre participios resultativos e estativos em frases com o pretérito perfeito fica patente através da possibilidade de ocorrência de um localizador temporal pontual naqueles e não nestes, como se pode observar em (37):

- (37) a. A cidade ficou destruída no dia 10 de Janeiro, às 10 horas.  
 b.\* A cidade esteve destruída no dia 10 de Janeiro, às 10 horas.

## Referências

- Alexiadou, A. & E. Anagnostopoulou (2008). Structuring Participles. In Chang & Haynie, orgs., *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*: 33-41. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Borer, H.(1984). The Projection Principle and Rules of Morphology. In Jones & Sells, orgs., *Proceedings of NELS 14*: 16–33. Amherst: University of Massachusetts, GLSA.
- Carrier, J., & J. Randall (1992). The Argument Structure and Syntactic Structure of Resultatives. *Linguistic Inquiry*, 23(2): 173–234.
- Cunha, L. F. & I. Ferreira (2004). Tipologia de adjectivos e construções predicativas com ser e estar em português Europeu. In Freitas & Mendes, orgs., *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*: 421-432. Lisboa: APL.
- Duarte, I, M. Miguel & A. Gonçalves (2009). *Light Verbs as Predicates*. Comunicação apresentada ao TABU Dag, Universidade de Groningen, 11-12 de Junho.
- Embick, D. (2004). On the Structure of Resultative Predicates in English. *Linguistic Inquiry*, 35(3): 355-92.
- Folli, R. & G. Ramchand (2005). Prepositions and Results in Italian and English: An Analysis from Event Decomposition. In Verkyul, van Hout & de Swartz (orgs.), *Perspectives on Aspect*: 81-105. Dordrecht: Springer.

- Green, G. (1972). Some Observations on the Syntax and Semantics of Instrumental Verbs. In *Papers from the Eighth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*: 83–97. Chicago: University of Chicago, Chicago Linguistic Society.
- Jaeggli, O. (1986). Passive. *Linguistic Inquiry*, 17(4): 587-622.
- Kratzer, A. (2000). Building Statives. In Conathan *et al.*, orgs., *Proceedings of the 26th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*: 385-399. Berkeley.
- Levin, B. & M. Rappaport Hovav (1986). The Formation of Adjectival Passives. *Linguistic Inquiry*, 17(4): 623–661.
- Levin, B. & M. Rappaport Hovav (1995). *Unaccusativity: At the Syntax–Lexical Semantics Interface*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Oliveira, F., L. F. Cunha, F. Silva & P. Silvano (2009). *Some Remarks on the Aspectual Properties of Complex Predicates with Light Verbs and Deverbal Nouns*. Comunicação apresentada ao TABU Dag 2009, Universidade de Groningen, 11-12 de Junho.
- Parsons, T. (1990). *Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge, Mass: The MIT Press.